

**ENTRE O REAL E O FICCIONAL:  
Intervenção Urbana “A Menina Morta e Nua”**

**Marcelo Eduardo Rocco de Gasperi  
Universidade Federal de São João del-Rei (UFSJ)**

**Resumo**

O presente artigo faz uma breve análise acerca da intervenção “A Menina Morta e Nua”, criada pelo grupo de pesquisa “Transeuntes: Estudos sobre Performance”, da Universidade Federal de São João del-Rei (UFSJ). Partindo do conto “Rememorações da menina de rua morta nua” de Valêncio Xavier (2006), esta ação consistiu, basicamente, em uma exposição de fotos de uma menina (que fora supostamente espancada e morta), enquanto um performer leiloava seus objetos pessoais aos passantes nas ruas. Esta pesquisa integra parte da tese de doutorado do autor deste trabalho.

**Palavras-chave:** fronteiras, gênero, performatividade, violência.

**Abstract**

The present text makes a brief analysis about the theatrical intervention "A Menina Morta e Nua", created by the research group "Transeuntes: Estudos Sobre Performance", da Universidade Federal de São João del-Rei (UFSJ). Starting from the tale "Rememorações da menina de rua morta nua" by Valêncio Xavier (2006), this action basically consisted of an exhibition of photos of a girl who was supposedly beaten and killed while an performer auctioned her personal objects to on the streets. This research is part of the thesis of the author of this work.

**Keywords:** frontiers, gender, performativity, violence.

## **Preâmbulos: o conto de Valêncio Xavier**

Anteriormente à análise da ação em si, faz-se necessário explanar um pouco sobre o conto “Rremembranças da menina de rua morta nua”, tentando nortear o leitor sobre tal obra, a fim de possibilitar a melhor compreensão acerca da ação nas ruas, originada a partir deste conto. Partindo de uma escrita labiríntica, pós-moderna, Valêncio Xavier traz em sua obra original a temática de uma tragédia de abuso e de assassinato de uma menina com, supostamente, oito anos de idade (a pergunta sobre a idade real da menina paira ao longo de seu texto). O acontecimento é narrado a partir de diferentes colagens, sobreposições imagéticas, cujas fontes são: jornais sensacionalistas – tais como o extinto jornal *Aqui e Agora* do Sistema Brasileiro de Televisão, ou seja, a rede SBT –, jornais impressos, entre outras fontes. Xavier monta um “quebra-cabeça” para que o leitor “encaixe as peças” de uma obra híbrida, diluindo as fronteiras entre realidade e ficcionalidade:

[Valêncio Xavier] reúne materiais aparentemente aleatórios e os dispõe sobre a folha do livro. Fragmentos de jornais, desenhos, papéis de bala, fotos, textos escritos em diferentes fontes, trechos extraídos de dicionários etimológicos, são basicamente esses os despojos reunidos e reordenados pelo autor. (PIZZICOLA, 2014, p. 324).

Xavier monta uma escrita advinda de diferentes plataformas, tais como o cinema, os jornais e a televisão, propondo ao leitor um discurso visual truncado que necessita de associações entre imagens e divergentes formas de escrita, a fim de obter maior elucidação ao redor do tema proposto, na fuga de uma escrita linear. Sua narrativa advém de fragmentos textuais que se entrecruzam, dando ao leitor a chance de traçar diferentes perspectivas sobre a obra. Xavier não entrega ao leitor uma narrativa retilínea, mas sim, sugere uma possibilidade de leitura a partir da comparação de imagens apresentadas, de associações intertextuais, mesclando os referenciais do cotidiano, da vida real, com os elementos constituintes de uma ficção, sendo capaz de trazer indagações acerca do limite tênue entre o real e o ficcional apresentado. Referente a este aspecto, pode-se dizer que Xavier não facilita a leitura como o caso de um texto mais tradicional, mas deixa vestígios sobre os fatos narrados. Tal autor faz com que o leitor siga rastros deixados por ele, na configuração de uma escrita sensorial que, ora revela o jogo da trama e ora oculta a possibilidade de qualquer esclarecimento racional sobre a mesma:

E é na leitura/ releitura que ele, o leitor, descobre a arte de Valêncio Xavier capaz de realizar várias “mixagens” entre muitos sistemas semióticos. Podemos dizer que em Valêncio, a iconografia é parte constitutiva de um relato, que na maioria das vezes, é debochado e seu universo pode ser confundido com o da cultura underground – o cinema erótico/ pornô, as historinhas de sacanagem, os gibis, os manuais de truques mágicos, os plágios do jornalismo vermelho, entre outros. (BORBA, 2005, p. 56).

Ainda nesta direção, pode-se dizer que o conto de Xavier aglutina materiais díspares que o próprio autor obteve para a construção do mesmo, ou seja, como se o próprio conto revelasse – em sua linguagem – os bastidores e a pesquisa de campo para a realização de sua feitura. Dentro do âmbito da temática, “Rememorações da menina de rua morta nua” narra a história de uma tragédia anunciada: uma menina em situação de rua que foi estuprada e morta em um trem-fantasma de um parque de diversão, no ABCD Paulista. Mesclando as construções midiáticas ao redor do caso, as contradições da imprensa sobre o ocorrido, entre outras realizações, Xavier revela o lucro imediato que a morte da menina traz aos jornais televisivos – que recorrem ao apelo sensacionalista – como também às revistas e aos jornais impressos, às propagandas e/ou *merchandising* que se apresentam no entremeio das reportagens sobre o caso. Assim, a notícia de tal tragédia é consumida rotineiramente pelos espectadores de tais mídias:

Desconforto, incômodo, angústia e melancolia são palavras que bem descrevem o projeto literário de Xavier. No conto que dá título ao livro, nos tornamos espectadores vivos da história-fragmento que recupera a morte: um assassinato ocorrido na década de noventa, em um parque de diversões de Diadema, Grande São Paulo, explorado de forma sensacionalista pelos veículos de comunicação brasileiros da época. A vítima em questão é uma menina de rua, de apenas 8 ou 9 anos de idade, perversamente violentada, cujo corpo é encontrado nu dentro de um caixão do trem-fantasma do parque. O evento vai sendo recuperado pela narrativa espe(ta)cular de um passado factual trágico, propositalmente invocado através de jogos de alternâncias, avanços e recuos cronológicos, memórias e reminiscências da dor, da feiura e da morte. Aos poucos, as imagens vão ganhando corpo e sentido perante os olhos do leitor/espectador: recortes de notícias de jornais recuperam informações diferentes, nem sempre precisas, sobre o caso policial-detetivesco [...] (MIGUEL *et al.*, 2013).

A construção do conto de Xavier carrega em si o compartilhamento da responsabilidade com o leitor, cuja finalização da obra aparece de maneira inconclusiva mesmo após o último parágrafo, forçando-o a escolher caminhos dentre os vários sentidos possíveis da mesma. Então, “Rememorações...” radicaliza a experiência de uma obra literária, desmembrando-se em escolhas,

em vias de sentido que caminham de maneira complementar ou, até mesmo, antagônica ao que foi escrito anteriormente no conto. O autor propõe neste texto uma provocação analítica, mas nunca conclusiva. O encadeamento das ações advém de um esforço constante por parte do leitor de fazer conexões espaciais, temporais, entre outras, já que o espaço-tempo na obra é descontínuo, cheio de lacunas, na configuração de uma narrativa que mescla o pretérito e o presente a todo instante. Há um jogo entre a memória da ação (a violência narrada por diferentes personagens da trama) e o acontecimento em tempo real (a denúncia, as chamadas “ao vivo” por parte dos noticiários), tendo como fio condutor a dilatação da narrativa, em um espaçamento que permite verificar os mecanismos da propaganda, do lucro. Ou seja, Xavier mostra a capacidade do telejornalismo em tentar manter uma notícia circulando repetidas vezes, condicionando o espectador televisivo – sentado em sua poltrona – a rodar a engrenagem do consumo midiático, ampliando assim, o índice do ibope dos canais abertos, cuja qualidade de suas programações passa a ser um fator questionável:

Locuções sensacionalistas do apresentador Gil Gomes tentam cobrir o caso do crime bárbaro. Fragmentos de chamadas de estúdio para outras notícias televisionadas na época, o bilhete de um pedinte, entregue ao próprio Valêncio Xavier no semáforo de uma avenida de São Paulo, informações sobre o rendimento da caderneta de poupança, sobre o preço de banca dos jornais e do pãozinho de 50 gramas, auxiliam na composição do cenário de uma época, denunciando os contextos político, econômico e social de uma sociedade e instituindo o “pano de fundo” que poderia justificar - apesar de não o fazer - parte da sinistra trama. Esse tratamento da morte da menina em imagens superpostas chama atenção para os deslocamentos possibilitados pela escrita valenciana, na qual o lixo – o sensacionalismo, a crueldade – é nosso. (MIGUEL *et al.*, 2013).

No sensacionalismo apontado, “a menina morta” deixa de ser alguém, pois sua identidade primária – o seu nome – não é revelada pelo autor, mostrando a substituição de sua subjetividade pela utilização do substantivo genérico: “menina”. O autor parece revelar que a capacidade de venda de produtos, durante os comerciais com grande audiência, se sobrepõe à “menina”, em sua particularidade. Aos poucos, o conto mostra ao leitor um caminho perverso, percorrido cotidianamente pela mídia: o trajeto da notícia sobre a tragédia da “menina” até o completo esvaziamento de sua história. A “menina” deixa de ser alguém – um ser que sente dor, que teve sua vida interrompida – para se

transformar em mais uma notícia engavetada, cuja razão de existir deu lugar à sua capacidade de gerar lucro aos noticiários:

A narrativa da morte da menina denuncia o processo de consumo e de esquecimento que marca a vida nas grandes cidades, o consumo de vidas, da miséria alheia, da morte e da tragédia alheia, que logo cederá lugar a outra tragédia, e depois a outra, a outra, a outra. Ao lado da primeira foto da menina, Xavier coloca a mesma manchete de jornal anunciando o crime bárbaro repetidas vezes, fazendo com que sua história perca qualquer senso de individualidade. (MIGUEL *et al.*, 2013).

Diante da leitura deste conto, os membros do grupo “Transeuntes-Estudos sobre Performance” (UFSJ) decidiram usá-lo como ponto de partida para uma intervenção que discutisse diferentes formas de violência e, posteriormente, de lucro a partir da violência. Lucro dado através da exposição diária e exaustiva das tragédias em telejornais *sanguinolentos*, por meio de diferentes meios de comunicação.

### **A menina nua, estuprada e morta**

O objetivo do grupo era realizar uma ação que exibisse a violência intencional e contínua contra a mulher. No entanto, o conto original traz a narrativa sobre uma criança de oito ou nove anos como personagem central – sendo que a obra não fecha tal questão – e o grupo queria focar o trabalho a partir do corpo de uma performer de dezoito anos, transformando o mote inicial – de abuso contra uma criança – na violência contra uma jovem, contra uma mulher. Com a mudança estrutural em tal eixo, o grupo passou a direcionar a questão para a violência sexual sofrida diariamente pela mulher, considerando o impacto deste fenômeno nas mídias que reconhecem o feminicídio, o estupro e/ou a violência doméstica (que também contempla as formas supracitadas), como fontes de renda altamente lucrativas, que devem ser esgotadas, consumidas pela população como mais uma forma de mercadoria, na configuração máxima da sociedade do espetáculo: a morte como um souvenir, como um *elixir* da mídia. Luís Firmato, membro do grupo, diz:

Temos também o jornalismo sem escrúpulos ou medidas éticas [...] o espectador que no conforto do seu lar - equipado indiscutivelmente pelos produtos mostrados nos intervalos deste mesmo telejornal - assiste a tudo. Vê tudo, mil versões do mesmo. Notícias em massa, fluxo. Cada informação complementa, destoa, diverge, contradiz a outra. Cada notícia produto, melhor pensado. Se Dionísio embriagava todas as classes, a mídia também o faz. Dos programas inspirados em jornais norte-americanos, aos populares com apresentadores excêntricos tudo é a notícia. A má notícia. A tragédia, a morte. Nosso fim escancarado,

revelado, como qualquer desenho infantil. Para em um só instante surgir o comercial! Paz no mundo de horror. Arauto de esperança em um mundo de total desequilíbrio. Só a compra é exata no mundo incerto. Compre e fique linda, compre e pague com o cartão de crédito. Nada de sair de casa e se arriscar nos parques de horror. Compre do seu sofá, com um só clique, e parcele em milhões de vezes, pague quando puder, quando quiser! Compre tudo, adoce sua vida. Em meio aos corpos sujos, mortos esquecidos. Em meio à morte forjada, forçada, temos o comercial. Adoce sua vida com a bala rosinha! A vida é doce para quem chupa. O comercial e sua lógica invertida, pervertida. (FIRMATO, 2013).

Seguindo a discussão sobre o pensamento acima, o grupo desejou mostrar os mecanismos que compõem tal tragédia, propagada em diversas mídias para ser “consumida” pela população, na transformação de um ser humano em mera mercadoria. A ideia era que, aos poucos, a vítima se transformasse em uma espécie de *marca registrada*, vista de forma esvaziada em seu conteúdo, tendo o seu rosto estampado – na forma de produto pasteurizado – em camisetas, canecas, molduras, etc. A proposta era salientar a potencialidade capitalista de transformar o ser humano em um artefato qualquer, em um subproduto do capital. A vítima da violência seria destituída de sua subjetividade, transformando-se em uma espécie de “bem público”, de uma “propriedade compartilhada”, subdividida em diversas partes, até que a sua individualidade não existisse mais. O que deveria restar eram as “vagas” lembranças na memória da população, manifestadas na forma de um souvenir qualquer, vendido em lojas, galerias, tendas, etc.:

A morte é um souvenir. A tragédia é anunciada: a morte violenta de uma jovem mostra como todos podem consumir e lucrar com tal acontecimento. Todos querem se sentir pertencentes à notícia, próximos à vítima. A morte se torna um espetáculo, e a menina se esvai. O que importa é fazer o espectador ficar sentado em sua poltrona observando [...]. Entre um comercial e outro, a notícia da tragédia é desmembrada. Dilacerada. Esgotada. Aproveite as nossas liquidações! (GASPERI, 2014).

A brincadeira necessária para o pontapé inicial do jogo se daria a partir de uma frase muito usual, estampada em souvenirs de lojas turísticas: a frase “*Estive na cidade X e me lembrei de você*”. Esta frase, muito popular na cultura do turismo brasileiro, geralmente inserida em potes, canecas, camisetas, etc., deveria estar presente na ação. Porém, sob uma forma mais perversa de enunciado, transformando-se ironicamente em: “*Estive com a menina morta e me lembrei de você*”. Neste momento, o grupo percebeu a necessidade de se

ampliar a discussão para muito além das mídias, abarcando também a problemática do “gosto” do público, da sociedade, em se “alimentar” de tragédias diárias, como parte da cultura viva brasileira. Panoramicamente, a proposta da ação deveria abranger desde o fato em si, ou seja, a tragédia de um estupro seguido de assassinato, até à veiculação da notícia em forma de produto, revelando o que é um acontecimento real, o que é um acontecimento fabricado, o que é fator próprio da curiosidade humana e o que é insistentemente divulgado para o consumo imediato, condicionando o desejo humano sob o aspecto da mercadoria.

A partir do breve panorama apontado, foi criada a ação performativa “A Menina Morta e Nua”, construída em 2013 e apresentada nos anos subsequentes pelo grupo Transeuntes até à atualidade, dentro do projeto de Extensão “Urbanidades: Intervenções”. A apreciação se baseia na junção de fragmentos desta ação que gerou uma proposta artística mais longa, advinda das ramificações deste material. Sendo assim, o dia da ação a ser analisado será o dia 24 de julho de 2014, dia de grande fluxo no centro urbano de São João del-Rei devido ao Inverno Cultural, obtendo um público constituído por turistas, alunas e alunos de diferentes cursos da UFSJ, cidadãs e cidadãos sanjoanenses (que incluem também parte das alunas e dos alunos), entre outros indivíduos.

### **A ação em meio aos transeuntes**

Dia 24 de julho, quinta-feira, às 22h, adro do Teatro Municipal, região central da cidade. Uma mesa é montada em frente aos passantes. Nela, há diversos objetos padronizados, dispostos em fileiras com uma logomarca denominada “Morta”. Os produtos são diversificados, compreendendo canecas com a foto da “menina morta”, camisetas *silkadas* com fotos da mesma, supostos pertences da menina, etc.:

**FIGURA 01 – Produtos da “Menina Morta”**



Fonte: Arquivo 27º Inverno Cultural de São João del-Rei. São João del-Rei, 2014.

O performer Luís Firmato – travestido de uma figura que visa ultrapassar a noção binária de gênero usa uma peruca longa preta, joias, sapatos de salto alto, conjunto de saia longa e top na cor dourada, entre outros artefatos, mas mantendo a barba e o bigode, em uma mescla entre a figura feminina e masculina em um só corpo – caminha na calçada próxima ao adro do Teatro, com o intuito de chegar até à mesa que contém os produtos supracitados, visando finalizar a montagem da mesma. Os objetos serão brevemente vendidos e/ou experimentados pelo público, visando transformar a memória da menina em pequenos souvenirs:

Sob as perspectivas da tragédia, consumismo e sensacionalismo, o trabalho aborda a morte violenta de uma adolescente e o quanto a sociedade tenta lucrar com o evento, desde a representação sensacionalista nos veículos de comunicação aos comerciantes que vendem camisetas com fotos da garota. (GASPERI *et al.*, 2014).

**FIGURA 02 – Performer Luís Firmato oferecendo os Produtos da “Menina Morta”**



Fonte: Arquivo 27º Inverno Cultural de São João del-Rei. São João del-Rei, 2014.

Aos poucos, os passantes – transformados em espectadores da ação – se deparam com diversas fotos e produtos da “menina morta”. Firmato começa a narrar a morte trágica da menina, que fora espancada e estuprada em São João del-Rei. Posteriormente à narrativa – em uma mescla de apelo emocional e de forte teor de sarcasmo – Firmato leiloa os objetos pessoais da menina para lucrar sobre tal acontecimento, revelando aos espectadores a lógica de compra e venda em que a morte da “menina” traz. Especificando melhor os objetos, Firmato mostra uma aparente patente criada: uma marca, cujo nome é “Morta”, com todo o *layout* destinado a uma marca registrada de produtos postos em prateleiras. Começa uma série de sobreposições de objetos, uma espécie de “liquidação relâmpago”, com produtos variados: copos com fotos da menina morta, camisetas contendo fotos da menina com os dizeres “saudades de você”,

objetos “pessoais” da menina, brincos, cremes de rejuvenescimento com o rosto da menina estampado no pote, etc. Firmato tenta convencer os espectadores a levarem tais produtos para as suas casas, como um souvenir da memória, da dor, uma lembrança da “santidade” daquela menina.

Outro performer – Júnio Carvalho – aparece, trazendo notícias de tragédias acopladas ao seu corpo – notícias acerca da figura da mulher – advindas de diferentes jornais. Traz também imagens e escritos rotineiros acoplados em diferentes partes de sua pele, com forte apelo sensacionalista. Carvalho veste um traje feminino formado por jornais diversificados, compondo uma espécie de *corpo-notícia*, ou seja, um corpo que pode ser lido em diferentes planos, anexados em diferentes dimensões, trazendo informações em demasia. Para ler os escritos sobre o corpo de Carvalho, basta que os espectadores se aproximem do mesmo.

**FIGURA 03 – Performer Júnio Carvalho travestido de jornais**



Fonte: Arquivo 27º Inverno Cultural de São João del-Rei. São João del-Rei, 2014.

Em suas mãos, Carvalho carrega um jornal fictício sobre a menina morta, cujos anúncios – criados pelo Grupo Transeuntes – visam confundir o espectador sobre a veracidade do fato, já que se trata de um suposto jornal impresso, contendo todos os dados similares aos jornais tradicionais brasileiros e/ou jornais locais. Carvalho começa a desfazer partes dos materiais acoplados ao seu corpo e às suas mãos, doando os jornais aos espectadores, em um paralelo entre ilusão e realidade. Ou seja, o jornal aparece como um elemento que promove certo limiar entre o âmbito ficcional da ação e o real. Ficam então algumas indagações, tais como: O crime aconteceu? Tal “menina” foi, realmente, morta? Ou faz parte de mera ficção artística?

**FIGURA 04 – Jornal fictício contendo notícias sobre a Menina Morta**

# MORTA E ESTUPRADA

MENINA É ENCONTRADA MORTA EM TERRENO BALDIO COM CORTES EM SUA CABEÇA, PESCOÇO, BARRIGA, COXAS, NÁDEGAS E VAGINA.

Menina é encontrada morta em terreno baldio. A perícia identificou cortes por todo o seu corpo. O assassino está sendo procurado pela polícia e a família inconformada clama por justiça.



A menina morta usava blusa Chanel, shorts Prada e sapatos Laboutin. Prima da vítima diz que isso nunca havia acontecido e que a menina era apenas uma estudante e que não prejudicava ninguém.

O pai da vítima acometido de forte emoção diz que a filha era sua razão de viver. Sob efeitos

de fortes calmantes a mãe lamenta a perda em meio aos pertences da menina morta. “Ela não merecia passar por isso, era linda, bem humorada e tinha vários pretendentes.” Diz amiga da menina morta.

Vizinhos da menina morta não entendem o que motivara o assassino a assassiná-la de forma tão cruel, e não entende o motivo do assassinato.

O açougueiro do bairro defende “Conheço várias meninas que foram estupradas e que hoje tem uma vida normal, mas a menina nunca provocou nenhum homem para que isso acontecesse.”

Após abusar da menina de diferentes formas o assassino tirou a vida da menina morta a pauladas. Pessoas do bairro iniciam peregrinação até o local do assassinato alegando que a menina morta tenha se tornado santa. Benzedeira do bairro, uma senhora deixa seu depoimento de fé: “Todo mundo que morre vira santo, ainda mais uma mártir como ela, assassinada desta forma, não foi um assassinato comum, foi coisa de novela, eu tenho fé na água benta da menina morta”. A prefeitura toma providencias para que o local de peregrinação atenda as demandas dos peregrinos e empresas disputam para a extração dos produtos ligados ao nome da menina. A família analisa as propostas e diz que apesar do sofrimento, comemoram o legado deixado pela menina em forma de material para os produtos comercializados.

Uma tia paterna escreve uma biografia que disputará com as vendas do livro escrito pelo irmão que conta a história da menina morta de seu nascimento até a morte trágica. Débora Sebo está cotada para viver a menina nos cinemas.

**Vidente Alega Ter Previsto a Morte da Menina**  
PÁGINA 3

**Truques de moda e maquiagem para velórios**  
Confira as dicas de Maraiça e Glorinha Cam  
PÁGINA 3

**Classificados**  
PÁGINA 4

**Grupo da UFSJ pesquisa menina morta**  
PÁGINA 2

**Oração da menina morta para superar as perdas**  
PÁGINA 3

Fonte: Arquivo do Transeuntes. Criado por Igor Oliveira e Luís Firmato. São João del-Rei, 2014.

Este entrecruzamento entre o jornal doado aos transeuntes e as figuras que se apresentam, visa criticar ainda mais a tragédia cotidiana das cidades

como suporte para uma estetização diária, feita pelas emissoras televisivas e outras mídias que utilizam os artifícios do sensacionalismo. O intuito de tais redes é fazer o espectador consumir a morte violenta – entre outros acontecimentos que envolvem a violência nas cidades –, cujas esferas do lucro imediato são o mote que dá movimento à engrenagem da notícia, e não mais a notícia em si.

Desta forma, o objeto de lucro é a própria “menina morta”, cuja humanidade se esvai para que todos os espectadores possam consumi-la na forma de mercadoria. A notícia de tal morte passa a ser manipulada por Firmato que, ora demonstra tristeza com o acontecimento, e ora necessita vender a marca registrada gerada pelo tal fato, pois sem tal tragédia a venda dos produtos simplesmente não aconteceria. A ideia de propor um fio condutor, embasado na relação entre tragédia cotidiana e mercado, sugere uma participação direta dos espectadores, pois os mesmos podem comprar os souvenirs da menina, como também, permitem que o performer Firmato realize demonstrações gratuitas sobre as “qualidades” dos produtos, entre outras ações.

Neste aspecto, a morte violenta da menina mostra como todos podem consumir e lucrar sobre tal acontecimento. Desde os repórteres sensacionalistas até os representantes comerciais com seus stands de vendas contendo fotos, camisetas e pôsteres da menina. A morte torna-se, então, um “espetáculo” no sentido debordiano da palavra, cujos desdobramentos operam diretamente ligados aos conceitos operativos de poder, do dinheiro e de simulacro, totalmente vinculados ao controle do capitalismo contemporâneo.

Após a venda dos produtos ser “aquecida” pela ação dos performers frente ao público, outra performer – Sabrina Mendes – se expõe ao chão, cobrindo-se com jornais, tentando atrair os transeuntes para o seu local de ação. Mais à frente, precisamente em frente ao Cemitério do Carmo, outro performer – Pedro Mendonça – se aproxima, deixando uma placa com os dizeres: *“Estive com a menina morta e me lembrei de você”*, oferecendo ao público a possibilidade de tirar uma foto ao lado da menina. A ideia é

mostrar uma obra aberta, em que o espectador possa se aproximar, fazer uma pose ao lado da menina e receber, posteriormente – em sua casa ou por e-mail – tal foto como mais um souvenir. O campo desta ação se mostra disponível à contribuição do passante, fazendo com que o espectador possa ser colaborador da obra, agindo sobre a mesma com seu corpo e saindo da mera contemplação.

**FIGURA 05 – Espectadora fazendo pose para a fotografia ao lado da “menina morta” (performer Sabrina Mendes)**



Fonte: Arquivo 27° Inverno Cultural de São João del-Rei. São João del-Rei, 2014.

Com isto, a frágil “menina” se transforma em uma espécie de *coisa-mercadoria*, na produção de um espaço em que espectador e artista criam trocas, diálogos acerca da obra. O procedimento artístico é contaminado pelas impressões do espectador, dando um caráter de uma ação que não se encerra em si, mas que necessita do outro para dar continuidade à discussão. Com isto,

o grupo *Transeuntes* tentou revelar a frágil vida noticiada incessantemente pelos meios de comunicação, mostrando que todos nós podemos retirar um pedaço daquele corpo, deixando esvaír sua potência de vida para ser apenas mais uma memória, mais um número noticiado por uma narrativa cotidiana sobre diferentes tipos de tragédia. Tal procedimento artístico objetivou mostrar também como a morte pode ser noticiada constantemente até se tornar a tragédia do “outro”, ou seja, alheia a mim, da qual eu não estabeleço nada além do que a espetacularização midiática propõe e/ou espera de mim, na condição de *consumidor de tragédias cotidianas*.

### **Referências:**

BORBA, Maria Salete. **Para Além da Escritura: A Montagem em Valêncio Xavier**. Dissertação de Mestrado apresentada ao curso de Pós-graduação em Teoria Literária, Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Florianópolis (SC), 2005.

FIRMATO, Luís. Entrevista. **Série de entrevistas com os pesquisadores do Grupo Transeuntes** [concedidas a Marcelo Eduardo Rocco de Gasperi]. 2015. Disponível em: <http://transeuntesperformance.blogspot.com.br/2015/12/serie-de-entrevistas-com-os.html>. Acesso em: dia 21 de março de 2018.

GASPERI, Marcelo E. R.; MIGUEL, Fernanda V. C.; OLALQUIAGA, Mayra H. A.; **O Informe e a Sombra em Valêncio Xavier**. Disponível em <http://transeuntesperformance.blogspot.com.br/2013/08/www.html?spref=fb>. Acessado dia 21 de março de 2018.

PIZZICOLA, Gustavo. A temporalidade original em Valêncio Xavier. **Revista Versalete**. Curitiba (PR), v.2, n.3, p. 321-339, 2014. Disponível em: <http://www.revistaversalete.ufpr.br/edicoes/vol2-03/321GustavoPizzicola.pdf>. Acesso em: 1 de abril de 2016.

XAVIER, Valêncio. Rrememorações da menina de rua morta nua. In:\_\_\_\_\_. **Rrememorações da menina de rua morta nua e outros livros**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006. p. 39-59.